

## **LETRAMENTO ESCOLAR NO PRIMEIRO CICLO: O USO DO LIVRO DIDÁTICO E DE OUTROS IMPRESSOS EM SALA DE AULA**

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes – UFSJ – socorronunes@ufs.br

GT: Alfabetização, Leitura e Escrita / n.10

Agência Financiadora: FAPEMIG

### **INTRODUÇÃO**

Este trabalho faz parte de um programa de pesquisa que está sendo desenvolvido desde 2000 e tem como foco de interesse a investigação dos processos de apropriação, pelos professores dos ciclos iniciais, das novas concepções de ensino-aprendizagem, de alfabetização e de letramento, presentes no discurso oficial e nos programas de formação continuada. Assim, essa pesquisa busca analisar as práticas de duas professoras de escolas e cidades diferentes pertencentes à região das Vertentes, focando o papel do livro didático e de outros impressos na estruturação das práticas de letramento em sala de aula.

Kleiman (1995) e Soares (1998) estimularam a discussão sobre os processos de escolarização da leitura e da escrita no Brasil, reforçando a concepção de leitura e escrita como uma prática social contextualizada. Conforme aponta Street (1984), as práticas de leitura e escrita são diferentes em cada contexto; são constituídas ideologicamente, não podendo ser tratadas como neutras ou meramente técnicas. Rojo (2000) discutindo a relação entre escola e letramento, afirma que “escola é letramento” e dele decorre, quer suas práticas sejam orais ou escritas, quer haja ou não um texto escrito mediando essas práticas. Nesse sentido, letramento escolar, tal como cultura escolar, podem ser compreendidas como processos socioculturais, constituídas de múltiplas dimensões, desenvolvidas nas interações entre alunos e professores numa determinada sala de aula. A sala de aula pode ser compreendida, no sentido atribuído por Collins e Green (1992), como um contexto social e cultural no qual as práticas de letramento são negociadas e construídas pelos sujeitos participantes.

### **METODOLOGIA**

Como proposta teórico-metodológica, baseamo-nos na articulação de dados quantitativos com dados de caráter etnográfico já realizada por nós em pesquisas anteriores. Com os dados quantitativos buscamos compreender o perfil sociocultural e

pedagógico de 142 professores (cerca de 80%) de primeiro ciclo da Região das Vertentes além de visualizar tendências na prática pedagógica acerca do uso do livro didático e de outros impressos. Esses dados não serão apresentados aqui, apenas tomados como referência nas análises das práticas de sala de aula. A vertente etnográfica possibilitou-nos a compreensão de práticas reais de ensino da leitura e da escrita. Para Spradley (1979) o trabalho da etnografia é desvelar crenças, opiniões e ações sociais constituintes da prática cotidiana dos integrantes de uma comunidade, inserida num ambiente historicamente constituído e compartilhado por eles.

Para uma compreensão mais aprofundada dos aspectos interacionais e das práticas de letramento construídas nas turmas, foram utilizadas 15 horas de videogravações que permitiram recuperar o contexto interacional em que as ações dos sujeitos - alunos e professora- ocorreram, além de anotações no caderno de campo. Além disso, coletamos também os materiais impressos lidos e produzidos pelos alunos.

Para a análise das práticas das professoras, selecionamos eventos representativos do conjunto das aulas filmadas, apresentados na forma de mapas de eventos. Um mapa de eventos pode ser definido como uma transcrição ou representação de um evento, que tem como função apresentar como a interação entre a turma foi organizada, quais os padrões interacionais recorrentes na sala de aula e como o tempo foi gasto na realização das atividades de letramento desenvolvidas (Green e Meyer, 1991). Essa forma de organização e análise dos dados contempla uma perspectiva etnográfica interacional que inclui diferentes formas de contraste entre os dados para uma visão mais abrangente do fenômeno estudado.

## **ANÁLISE DOS RESULTADOS**

### **1. As escolas**

As duas escolas pertencem à rede municipal de ensino de duas cidades do campo das vertentes e são organizadas em ciclos. Para ser condizente com essa forma de organização, que é baseada na progressão continuada, a Escola I decidiu aderir à proposta da Superintendência Regional de Ensino do Estado, que se baseia no reagrupamento dos alunos do 1º ciclo em 3 grupos “mais homogêneos”: alfabetização (alunos que ainda não estão alfabetizados); aperfeiçoamento (alunos alfabetizados, mas ainda com dificuldades na leitura e na escrita) e enriquecimento (alunos que, segundo

critérios da escola, têm uma leitura fluente e produzem textos mais elaborados, sem maiores problemas de ortografia). A outra escola não possui nenhum tipo de reagrupamento. A seguir, apresentamos uma visão geral das práticas de letramento nas duas salas de aula buscando realizar uma análise contrastiva dessas práticas.

### **1.1. Práticas de letramento na Escola I**

Quando entram na sala, as carteiras estão dispostas em fila. Professora e alunos começam a se organizar, formando normalmente três ou quatro grandes grupos. Foi possível perceber que os alunos já têm seus “grupinhos” formados, pois diversas vezes os mesmos alunos participaram do mesmo grupo. A professora parece interferir nessa organização apenas quando a formação definida pelos alunos não lhe agrada na questão disciplinar. A turma conta com 31 alunos, sendo três repetentes, três ainda não alfabetizados e outros três com bastante dificuldade na leitura e na escrita. Foi possível notar que os alunos que têm dificuldades interagem entre si espontaneamente, sem interferência deliberada da professora. Para esses alunos a professora elabora atividades específicas, diferenciadas do restante da turma. Sendo assim, diariamente ela orienta dois grupos de alunos: um grupo considerado avançado e o grupo ainda em processo de aquisição do sistema de escrita. Foram selecionadas para análise três aulas consideradas representativas da prática pedagógica dessa professora.

O mapeamento do conjunto dos vídeos permitiu-nos observar os tipos de materiais impressos usados nas práticas de letramento da turma: a) texto impresso no suporte livro destinado ao aluno, com o objetivo de servir de base para a aprendizagem de um conteúdo de língua portuguesa; b) textos impressos veiculados em outros suportes, com a predominância de folhas mimeografadas; c) textos “paradidáticos” como por exemplo, os livros de literatura infantil. Esses impressos foram citados por todos os professores que responderam ao questionário, indicando que, além do livro didático, outros textos circulam na sala de aula e são usados na constituição das práticas de letramento.

Como se constituíram as práticas de letramento nessa turma? No que se refere à leitura e à escrita, quais as ações mais frequentes? Com o intuito de estabelecer uma visão geral dessas práticas, foi feito o mapeamento das ações dos participantes que envolveram a leitura e a escrita:

#### **Tabela 1: Visão geral das práticas de letramento da turma I**

Mês	Data	Práticas de letramento	Ações dos participantes	Aspectos extralingüísticos
Setembro	20	Leitura	Alunos lêem oralmente as atividades do dia escritas no quadro pela professora.	
		Leitura	Alunos copiam texto substituindo desenho por palavra e fazem interpretação escrita.	
		Leitura	Professora lê um livro de literatura infantil para os alunos e, em seguida, faz perguntas sobre a história lida.	
	23	Leitura	Alunos trocam seus livros de literatura, levados na semana anterior, por outros livros dispostos no canto da sala sobre um pano. Fazem leitura silenciosa e oral para a professora.	Todos os alunos, incluindo aqueles ainda não alfabetizados, participam dessa atividade.
	27	Cópia	Alunos copiam o “calendário” escrito no quadro pela professora.	
		Leitura	Alunos lêem oralmente as atividades do dia registradas no quadro.	
		Leitura	Alunos lêem silenciosamente o texto “A cigarra e a formiga”.	
		Sistematização do código	Alunos completam palavras com sílabas faltosas (ca co cu) escritas no caderno deles pela professora.	Alunos com “dificuldade”
		Leitura	Professora copia todo o texto “A cigarra e a formiga” no quadro e os alunos lêem oralmente; meninos e meninas separadamente.	
			Alunos fazem interpretação escrita do texto lido.	
		Ortografia	Professora faz ditado de palavras com os alunos.	
		Leitura	Professora e alunos lêem “anotações” sobre verbo, acentos, sinônimos, antônimos, adjetivos.	
	30	Cópia	Alunos copiam o “calendário”, escrito na lousa pela professora.	
		Leitura	Alunos lêem oralmente as atividades do dia escritas no quadro.	
		Sistematização do código.	Todos os alunos completam uma cruzadinha.	Professora prepara uma salada de frutas.
		Leitura	Alunos trocam seus livros de literatura, levados na semana anterior, entre si e com outros livros dispostos no canto da sala sobre um pano. Fazem leitura silenciosa e leitura oral para a professora.	Todos os alunos participam dessa atividade.
Outubro	04	Leitura	Alunos lêem oralmente as atividades do dia escritas no quadro.	
		Produção de texto	Professora e alunos escrevem coletivamente a receita da salada de frutas preparada pela professora.	
		Sistematização do código.	Professora passa atividades nos cadernos de Juciene e Israel.	Alunos ainda não alfabetizados.
			Professora dita palavras para Israel.	
		Sistematização do código	Todos os alunos recortam e ordenam sílabas montando palavras no caderno. Depois a professora corrige coletivamente	

			no quadro.	
	07	Leitura	Alunos lêem oralmente as atividades do dia escritas no quadro.	
		Cópia	Professora passa atividade de cópia do alfabeto no caderno de Rosiane e Israel.	Alunos ainda não alfabetizados.
		Leitura	Alunos lêem oralmente um texto narrativo: A bombinha bobinha. Em seguida, a professora lê para os alunos esse mesmo texto.	
			Professora e alunos lêem e respondem coletivamente perguntas sobre o texto.	
		Sistematização do código	Atividade mimeografada: treino da escrita da letra B.	Alunos ainda não alfabetizados.
			Professora dita palavras para Israel.	Alunos ainda não alfabetizados.
		Leitura	Professora e alunos continuam lendo e respondendo perguntas sobre o texto anterior.	
		Sistematização do código	Professora dita palavras para Rosiane.	Aluna ainda não alfabetizada.
		Ortografia	Alunos completam palavras com M ou N.	
		Leitura	Alunos recebem livros de literatura da professora. Fazem leitura silenciosa e leitura oral. Trocam seus livros com outros livros dispostos no canto da sala sobre um pano. Fazem leitura silenciosa.	Todos os alunos participam dessa atividade.
	25	Ortografia e gramática	Alunos trabalham com o livro didático: Os caminhos da Língua Portuguesa, especificamente com sílabas -as, -es, -is, -os, -us e com verbos. Página 159 a 163.	
		Sistematização do código	Alunos completam palavras com as sílabas de um determinado grupo ortográfico.	Alunos ainda não alfabetizados.
		Leitura	Alunos lêem oralmente texto narrativo “Dente no telhado”, do LD. Professora avalia a leitura.	
	28	Leitura	Alunos trocam seus livros de literatura, levados na semana anterior, entre si e com outros livros dispostos no canto da sala sobre um pano. Fazem leitura silenciosa e leitura oral.	Todos os alunos participam dessa atividade.
		Leitura	Professora faz leitura de um livro de literatura infantil para os alunos e depois faz perguntas sobre a história lida.	
Novembro.	1º	Cópia	Alunos copiam o “calendário” escrito quadro.	
		Leitura	Alunos lêem oralmente as atividades do dia (rotina) escritas no quadro.	
		Leitura	Alunos lêem silenciosamente o texto narrativo “O caracol poeta”.	
			Alunos lêem oralmente lista de palavras com <i>al el il ol ul</i> e circulam palavras com essas sílabas no texto anterior.	
		Leitura	Alunos lêem oralmente o texto narrativo “Pimpinela” e respondem questões sobre o texto.	

		Ortografia	Alunos completam palavras com M ou N.	
		Sistematização do código	Alunos recortam de revistas a letra D.	Alunos ainda não alfabetizados.
	04	Leitura	Alunos lêem oralmente as atividades do dia (rotina) escritas no quadro.	
		Leitura	Alunos lêem oralmente lista de palavras com M antes de P e B, M no final das palavras e N antes das outras consoantes.	
		Gramática	Alunos fazem atividade sobre substantivos: tipos, número e grau.	
	22	Cópia	Alunos copiam o "calendário" escrito quadro.	
		Gramática	Alunos fazem atividades sobre substantivos: tipos, número, grau, sobre tipos de frases e separação silábica além de atividades com verbos, antônimos e sinônimos.	
		Leitura	Alunos lêem lista de palavras com h, nh, ch e lh.	
		Sistematização do código	Alunos completam palavras com vogais e copiam as palavras formadas.	Alunos ainda não alfabetizados.
		Leitura	Alunos trocam seus livros de literatura, levados na semana anterior, com outros livros dispostos no canto da sala sobre um pano. Fazem leitura silenciosa e leitura oral.	Todos os alunos participam dessa atividade.
	29	Cópia	Alunos copiam o "calendário" escrito na lousa pela professora.	
		Leitura	Alunos lêem silenciosamente texto narrativo e numeram seus parágrafos, organizando os fatos numa seqüência lógica. Depois recortam os parágrafos nas linhas indicadas.	
		Ortografia	Guilherme associa palavras a desenhos e faz um caça - palavras	Aluno ainda não alfabetizado.
		Leitura	Alunos e professora organizam o texto narrativo na ordem correta. Os alunos colam as partes no caderno.	
			Alunos e professora lêem e respondem questões sobre o texto.	
		Ortografia	Alunos lêem e separam em sílabas palavras iniciadas com a letra H.	
	30	Cópia	Alunos copiam o "calendário" escrito quadro.	
		Leitura	Alunos lêem oralmente o texto: "A borboleta cinza" do Livro Didático: Letra, palavra e texto. Professora avalia a leitura.	
			Alunos completam afirmações sobre o texto e respondem questões.	
		Gramática e ortografia	Alunos e professora fazem atividade sobre plural e palavras com ç, também do LD.	

O mapeamento acima evidencia duas características peculiares a essa turma e diferentes aspectos das práticas de alfabetização e letramento. Podemos perceber que há dois livros didáticos sendo usados no trabalho de alfabetização; além disso, a professora

desenvolve atividades diferenciadas de sistematização do código para os alunos e que ainda não compreendem o sistema alfabético de escrita. Nesta turma predominam aulas em que a leitura é o objeto central perfazendo um total de 28 situações; em segundo lugar, aparece a sistematização do código, com 10 situações observadas, sendo que a maior parte dessas atividades se deu apenas com os alunos ainda não alfabetizados; em terceiro lugar, aparecem atividades de ortografia e gramática, com 9 situações e apenas uma aula de produção (coletiva) de texto. Uma prática que aparece também nessa turma é a cópia do calendário, num total de 6 aulas observadas.

Os dados indicam, portanto, que a leitura é a prática predominante nesta turma, seguida de atividades específicas de aquisição do código. Como indicam as pesquisas de Leal (2003) e pesquisas realizadas por nós desde 2000, a prática de produção de textos é praticamente ausente nas turmas de alfabetização.

Foi possível perceber que as práticas de leitura dessa turma não são muito diversificadas no que se refere ao que lêem e para que lêem, pois os textos são predominantemente do tipo narrativo e as leituras ocorrem basicamente para que sejam respondidas questões do tipo cópia ou de localização de informações, sendo a avaliação da fluência dos alunos o principal foco, uma vez que a maior parte do tempo é gasta com leitura oral. Além disso, os alunos lêem listas de palavras de determinado grupo ortográfico e a rotina escrita no quadro pela professora.

As práticas de leitura dessa turma não incluem leitura livre, apenas leitura de textos propostos pela professora, tais como leitura de textos dos Livros Didáticos e leitura de textos mimeografados. As práticas abrangem, também, as aulas de “literatura” (quando os alunos trocavam livros com os colegas, disponibilizados pela professora, ou ainda, escolhiam livros espalhados num canto da sala).

Os eventos de leitura de textos literários ocorriam sempre no espaço da sala de aula e, segundo a professora, sempre às sextas-feiras. A professora orienta como a leitura vai funcionar e eles começam a ler seus livros silenciosamente, em suas mesas. O mapa de eventos a seguir evidencia a dinâmica interativa na construção dessa prática.

Tabela 2: lendo livros de literatura infantil

Evento	Linha de Tempo	Ações dos participantes	Comentários
Lendo livros de literatura infantil	00:02:32	Professora orienta os alunos sobre como vai funcionar a aula: ler em voz alta quando ela indicar.	Todos os alunos participam dessa atividade.
	00:03:18	Professora ressalta para os alunos as	

		regras daquela aula.	
	00:04:13	Professora distribui livros aleatoriamente aos alunos que estão sentados nos seus lugares.	
	00:05:25	Alunos vão começando a ler os livros recebidos silenciosamente.	
	00:06:04	Professora autoriza a troca do livro a um aluno.	
	00:06:20	Professora indica a uma aluna (Amanda) onde ela deve ler, para que ela possa ouvir e avaliar.	
	00:06:59	Igor escolhe o livro Fábulas de Esopo.	
	00:08:15	Professora autoriza que Natanael vá ao monte escolher outro livro. Outros dois alunos também vão.	
	00:09:33	Professora avalia leitura do aluno Mikael..	

Conforme observamos no mapa, a professora se aproxima de cada aluno e pede para que leia oralmente, para que ela avalie a sua fluência, e, só assim, ele é autorizado a escolher um outro livro dentre aqueles dispostos no canto da sala. A professora exerce um controle no processo de leitura que inclui a indicação de qual aluno irá escolher o livro, quando ele deverá ler para que ela avalie a fluência e em que momento ele poderá escolher o livro para levar para casa. Ou seja, a leitura de livros de literatura também é usada como estratégia para o ensino sistematizado da decodificação dos textos. Isto significa que o texto literário ocupa um lugar importante no processo de alfabetização dos alunos, contudo, a leitura com o objetivo de fruição e prazer ainda não se configura como uma prática relevante na turma. Evidentemente que, ao levar o livro para sua casa, o aluno tem aí uma oportunidade de estabelecer uma relação diferenciada com a leitura, uma vez que não terá de ler para preencher uma ficha de leitura, prática ainda comum nas turmas de alfabetização. Entretanto, no espaço da sala de aula, a leitura ainda tem como objetivo permitir que o aluno desenvolva a fluência e a entonação e não a construção de sentidos do texto. Vale ressaltar que essa prática envolve todos os alunos, inclusive os que ainda não dominam o sistema alfabético.

## **1.2. Lendo textos mimeografados e textos do livro didático**

Os textos mimeografados que circularam nas aulas são narrativas curtas ou listas de palavras de um determinado grupo ortográfico. São textos que circulam especificamente na escola, caracterizando uma das dimensões do letramento escolar. Normalmente, os textos narrativos vinham acompanhados de uma série de perguntas como: Quais são os personagens do texto? Qual o título do texto? Nesse contexto,

podemos entender que o objetivo dessa prática de leitura é ler para responder por escrito a questões previamente formuladas pela professora. O mapa de eventos abaixo mostra a dinâmica interativa na leitura desse “gênero escolar”.

**Tabela 3: lendo textos mimeografados e/ou do LD**

Eventos	Linha de tempo	Ações dos participantes	Aspectos extralingüísticos
Definindo a rotina do dia	00:00:04	Professora informa que irá organizar a rotina do dia.	
	00:00:09	Professora reserva espaço na lousa para anotar nomes dos alunos que irão ficar sem recreio.	
	00:02:40	Professora informa que vai entregar o caderno de produção de texto.	
Escolhendo os ajudantes do dia	00:02:56	Alunos lembram a professora de escolher os ajudantes do dia.	
	00:03:10	Professora define dupla de ajudantes	Alunos questionam decisão da professora.
	00:03:46	Ajudantes do dia distribuem caderno de produção de texto.	
	00:04:12	Professora solicita Rosiane e Israel até sua mesa e pede para que levem seus cadernos.	
Passando atividades para alunos com dificuldades	00:05:00	Professora passa atividades no caderno de Rosiane.	Ajudantes continuam distribuindo cadernos.
	00:05:40	Professora orienta a aluna sobre como copiar o alfabeto.	
	00:06:10	Professora passa atividades no caderno de Israel (alfabeto).	
	00:06:25	Professora sai da sala para buscar texto mimeografado.	Alunos ficam conversando e folheando cadernos.
Trabalhando com texto mimeografado	00:07:58	Professora distribui o texto mimeografado aos alunos – A bombinha bobinha.	Alunos ainda não alfabetizados não recebem o texto.
	00:08:40	Professora explica que tem uma parte do texto que está apagada e informa que vai passar a última frase do texto no quadro.	
	00:09:00	Professora checa quem está sem lápis e empresta para alguns alunos.	
	00:10:24	Professora escreve a última frase do texto na lousa.	
	00:11:25	Professora orienta que quer ouvir a leitura em voz alta de cinco alunos pelo menos.	
	00:21:18	Professora explica aos alunos que ela fará a leitura do texto. Orienta que devem prestar atenção para posteriores comentários e interpretação que farão juntos.	
	00:21:34	Professora começa a ler o texto em voz alta.	Poucos alunos acompanham a leitura.
	00:22:36	A professora pergunta qual o título do texto.	
	00:22:40	Alunos respondem em voz alta.	

	00:22:43	A professora pergunta quem é o autor do texto.	
	00:22:46	Alunos respondem em voz alta o nome da autora.	
	00:24:07	Professora pede para os alunos irem colorindo o desenho do texto.	
	00:24:36	Professora pede para os dois alunos ainda não alfabetizados levarem seus cadernos até sua mesa.	
	00:41:06	Professora inicia a leitura do texto em voz alta.	
	00:42:20	Professora lê a primeira pergunta do texto duas vezes.	
	00:42:36	Alunos respondem em voz alta.	
	00:42:42	Professora completa oralmente a resposta dada pelos alunos e a escreve na lousa.	
	00:44:00	Marcelle afirma que a resposta não coube no espaço da folha.	
	00:44:05	Professora pede a ela para apagar e fazer com a letra menor.	
	00:44:17	Professora vai olhando alguns cadernos e orientando como os alunos devem copiar para caber.	
	00:45:27	Professora pega a folha de um dos alunos e mostra como exemplo.	
	00:46:44	Professora pergunta aos alunos se pode fazer a segunda questão.	
	00:46:48	Alguns alunos respondem que sim, outros que não.	
	00:46:50	Professora resolve esperar mais dois minutos, enquanto vai olhando alguns cadernos.	
	00:48:33	Professora lê a segunda questão.	
	00:48:53	Marcelle responde em voz alta.	
	00:49:00	Professora pede para os alunos voltarem ao texto e lê o segundo parágrafo em voz alta.	
	00:49:46	Professora faz um breve comentário da sua leitura.	
	00:50:01	Lê novamente a segunda pergunta.	
	00:50:10	Alunos respondem em voz alta.	
	00:50:22	Professora reestrutura a resposta dos alunos e anota na lousa.	Alunos continuam copiando.

Como se pode observar no mapa acima, a leitura oral ocorre repetidas vezes com a indicação pela professora dos vários alunos que lerão diferentes parágrafos do texto. A leitura silenciosa com o objetivo de discutir o texto praticamente não ocorre, o que evidencia a ênfase em práticas de decodificação de textos e não de construção de sentidos pelo aluno leitor. Nos momentos de discussão de questões de interpretação o aluno é induzido a produzir as respostas que a professora espera. O sentido, portanto, é

controlado pela professora por meio da recorrência a trechos do texto lido. Essas práticas ocorrem da mesma forma quando se trata da leitura de textos do livro didático.

Em síntese, as práticas de leitura nesta turma, independente do tipo de texto ou do suporte que circula na aula, têm como principal objetivo servir de estratégia para avaliação da fluência e da entonação dos alunos. Não se observaram práticas de leitura que indiquem processos de reflexão sobre os textos por meio de questões inferenciais, questões globais e questões que permitam ao aluno construir uma visão geral do texto.

O mapa acima permite-nos, também, observar aspectos da dinâmica das interações inerentes à construção do letramento escolar: quando a professora checa se todos estão com lápis e papel (00:09:00); informa que há trechos no texto que estão apagados (00:08:40); orienta a aluna a escrever com letra menor para que o texto caiba no espaço disponível (00:44:05), etc. Por fim, pode-se observar que o uso do tempo em sala de aula é bastante diversificado: usa-se o tempo para a organização do trabalho (escolha dos ajudantes, definição da rotina do dia, distribuição de textos a serem lidos), para a orientação de como a leitura deve ser realizada, para a orientação de atividades específicas para alunos ainda não alfabetizados. É nessa complexidade que as interações e as práticas de letramento são construídas, o que nos leva a pensar a sala de aula como uma comunidade culturalmente constituída (Collins e Green, 1992), em que diferentes sujeitos representam diferentes papéis.

## **2. Práticas de letramento na Escola II**

O mapeamento das aulas filmadas indica que, tal como na Escola I, predominam práticas de leitura em detrimento de práticas de produção de texto e de ensino de gramática. A professora não utilizava um Livro Didático, dizendo que usa esse recurso “*apenas quando preciso de algum tipo de informação e isso acontece raramente*”. Em suas aulas eram utilizados textos narrativos, criados ou adaptados por ela; textos narrativos e poesias de autoria dos alunos e textos retirados de outros livros.

Foi evidenciado um trabalho sistemático com o texto literário, pois durante a coleta de dados, a escola desenvolveu um projeto a respeito dos “Quatrocentos anos de Dom Quixote de La Mancha”, onde promoveu recitais, exposições de produções de texto sobre o personagem e sua história, oficinas e apresentação do Conservatório Estadual de Música da cidade e uma peça teatral na VII Mostra Literária e II Mostra Filosófica da escola.

A dinâmica interativa na construção das práticas de leitura ocorria da seguinte forma. Logo que recebiam da professora o caderno com o texto mimeografado já colado pela professora, os alunos sentavam-se nas carteiras, que estavam organizadas em duplas, grupos de três e até quatro alunos e começavam a lê-lo silenciosamente, o que evidencia a organização coletiva como uma característica da prática dessa professora. Ela aguardava alguns minutos para que lessem pelo menos duas ou três vezes e solicitava alguém para que iniciasse a leitura oralmente. Os alunos liam parágrafos, pequenos trechos ou estrofes (quando poesias) e repetiam a leitura do texto algumas vezes. Após a leitura, a professora passava algumas questões de interpretação para serem discutidas entre os grupos e apresentadas na frente da sala, onde falavam para os outros colegas sobre as conclusões a que haviam chegado. Por exemplo, sobre a história que ela havia contado de Dom Quixote a professora distribuiu uma pergunta para cada grupo: “Você acha que lendo livros podemos ficar loucos? O que você acha de ler sempre os mesmos tipos de livros e de histórias? Por que você acha que Dom Quixote ficou envolvido com os tipos de histórias que lia nos livros? O que os livros trazem realmente para nós? Quais eram as atitudes heróicas de Dom Quixote para você? Você concorda com tudo o que Dom Quixote fez em suas aventuras? Você tem algum herói que admira? Verificamos então, uma prática de leitura sistemática na qual a professora desenvolve objetivos claramente definidos, cumprindo o seu papel de mediadora das práticas de letramento da turma. A proposta de discussão de perguntas inferenciais evidencia que a professora também se preocupa com a construção de sentidos pelos alunos e não apenas com a localização de informações nos textos lidos. Conforme pesquisa de Marcuschi (2003), esse tipo de perguntas raramente aparece nos livros didáticos e nas práticas escolares de leitura. Predominam as perguntas do tipo cópia e objetivas que não demandam a construção de inter-relações e inferências pelos alunos. Era comum nessa sala de aula o uso de livros literários da biblioteca da escola, em que toda semana os alunos tomavam livros emprestados. O mapa de eventos a seguir evidencia aspectos inerentes às práticas de leitura da turma.

**Tabela 4: práticas de leitura na Tuma II**

Lendo o texto “Uma descoberta fascinante”.		40:08	Professora distribui os cadernos de textos dos alunos.	
		44:06	Professora orienta para escreverem no caderno: “você vão escrever lá em cima da folha Texto 31, né? Vocês sabem”.	Professora na frente da sala.

	08:03	44:38	Os alunos que já terminaram de escrever levam o caderno para a professora colar o texto.	Formam fila. Aqueles que já receberam o texto, começam a lê-lo silenciosamente em suas carteiras que estão organizadas em trio ou dupla.
		48:05	Professora aguarda alguns minutos para iniciar a leitura oral.	Enquanto isso, cola outro texto em outros cadernos.
		50:07	Professora sai da sala.	
Recreio	02:07	50:12	Professora pede para os alunos guardarem o material para irem lanchar.	
Leitura		50:26	Professora retoma a aula após o recreio.	
		53:11	Professora comenta sobre o texto.	
		53:36	João Victor comenta sobre os insetos (incompreensível).	
		54:05	Professora faz leitura oral.	
		55:22	João Victor interrompe a leitura da professora para fazer outro comentário. Ela intervém, dizendo para ele falar depois que ela terminar a leitura.	
		58:29	Termina a leitura.	Algumas crianças aplaudem.
		58:45	João Victor intervém novamente pedindo para falar. A professora pede para ser depois que fizerem a leitura oral.	
		58:55	Solicita Hélio para iniciar a leitura.	Leitura oral e comentários sobre cada parágrafo.
		59:22	A professora pergunta se tem alguma palavra desconhecida no primeiro parágrafo que Hélio leu.	
		59:32	Duas alunas falam da palavra lugarejo. A professora pergunta se alguém sabe explicar. Alguns alunos tentam, mas a professora dá a explicação.	
		1:01:42	João Victor comenta sobre o pavão (incompreensível) a professora não entendeu o início da fala dele. Ele inicia novamente, ela então intervém, dizendo que depois irão comentar sobre o pavão, quando chegar a hora, mas ele continua falando.	A professora o escuta.
		1:02:19	Solicita Gustavo para ler o segundo parágrafo.	
		1:02:49	A professora atenta para a pontuação, lendo novamente o parágrafo depois que Gustavo terminou de lê-lo e solicita Bia.	
		1:03:10	Professora pede para Bia ler novamente a frase atentando para a pontuação e solicita Tatiele para ler o próximo parágrafo.	
		1:04:09	Professora comenta sobre palavras como “garça, rasantes, pavão” presentes no texto.	Os alunos participam comentando também.
		1:05:53	Solicita Felipe para a leitura.	
		1:06:06	Solicita Geane Kely, que tem dificuldade em ler “imenso”. A professora chama atenção. Felipe, que está sentado ao lado, fala a palavra corretamente. Geane Kely a repete.	

		1:06:23	Tatiele interrompe comentando algo com a professora, mas esta pede para prestar atenção na leitura da colega.	
		1:06:59	A professora fala para Geane Kely que está pausando demais a leitura, pedindo para ler a frase novamente.	
		1:08:47	Solicita Otávio para ler “bem alto”.	
		1:09:12	Solicita Rafael que inicia em outro parágrafo. Seguindo, ela pede para “consertar” a entonação. E lê a frase depois da leitura do aluno. Alguns alunos questionam as palavras “ao vivo, à cores e contemplar”, a professora as explica.	A professora fala que ele não está seguindo a leitura, então Rafael acha o parágrafo correto.
		1:11:30	Solicita Patrick para continuar a leitura.	
		1:12:03	Solicita Alexandra. A professora fala para ela se tem alguma pergunta no texto, chamando atenção para a entonação.	
		1:12:48	Solicita Kessiane. A professora interrompe questionado o que significa a conversa “girou em torno” daquilo.	A professora pede para levantarem a mão para falar, assim cada aluno explica, quando solicitado pela professora. Depois ela explica corretamente.
		1:15:59	Solicita Marcos Paulo, e pede para ele ler mais alto. E o atenta para a entonação.	
		1:16:54	Solicita João Victor. Atenta para a leitura da palavra “lagarta”.	O aluno leu largata.
		1:21:19	A professora avisa “vou começar a ir na carteira aí, hein”.	
		1:21:35	Alguém chega e fala com a professora.	
		1:22:15	Um aluno fala com a professora (incompreensível). A professora comenta que algumas palavras irão ser de acordo com o texto e outras com as palavras deles. “De acordo com a interpretação de vocês, mas tem que ter lógica, tá?”	
		1:24:21	Professora pergunta “tá muito fácil, não tá gente?”. Os alunos respondem em coro positivamente.	Professora anda pela sala, chama atenção de alguns alunos que estão mais lentos.
		1:24:27	Professora fala que é para dar resposta completa.	Professora prepara uma pequena maquete de insetos.
		1:28:49	Aluno pergunta para a professora como se escreve “ato”. A professora responde.	Professora passando de carteira em carteira.
	10:06	1:29:10	A professora chama atenção dizendo que “nós” já estudamos o passado e o futuro, para eles entenderem o término das palavras. E diz que tem gente que não está prestando atenção.	

A leitura oral feita pela professora foi verificada na maioria dessas práticas, antes ou depois de os alunos lerem oralmente, dependendo do grau de dificuldade apresentado: se o aluno que iniciava a leitura oral não mostrasse a fluência desejada, ou ela o esperava terminar ou o interrompia iniciando então a sua leitura, como se fosse

servir de exemplo para os demais. Ela pedia para ler novamente, para prestar atenção na palavra, na pontuação, como por exemplo, nas ações indicadas no mapa 1:12:03, onde a aluna leu uma afirmação como se fosse uma interrogação. Nas ações 1:06:59, 1:07:27, 1:03:10, 1:02:19, 1:15:59, 1:18:30, a professora focaliza a fluência e na linha 1:06:23 houve a cobrança para que os alunos acompanhassem a leitura, dizendo que acompanhar a leitura é também muito importante, pois facilita no conhecimento do texto. Compreendemos que ela se refere ao conhecimento dos aspectos formais e não dos sentidos a serem elaborados pelos alunos.

Observamos nas linhas 55:22 e 58:45 uma tensão entre as expectativas de participação de alunos e da professora nas aulas. A professora não incorporou a voz de João Victor na dinâmica discursiva da aula, avaliando, provavelmente, que sua fala não seria adequada aquele momento. Ela justificava a sua recusa afirmando que o deixaria falar no momento adequado. Somente na terceira tentativa de fala, seis minutos depois (linha 1:01:42), João Victor consegue fazer o seu comentário, ganhando assim, a atenção da professora. Os dados do mapa evidenciam que há semelhanças entre as práticas de leitura da turma I e da turma II. Nas duas turmas há uma preocupação explícita com a fluência e a entonação, mais que com a construção de sentidos. Ainda assim, na turma II observamos uma dinâmica diferente na medida em que os alunos, organizados em grupo, discutem questões propostas pela professora que ultrapassam a localização de informações objetivas no texto. São diferentes, também, os gêneros textuais que circulam nas turmas, uma vez que a turma II não usa LD e investe no trabalho sistemático com o texto literário.

## **CONCLUSÕES**

Contrastando as duas turmas, evidenciam-se as especificidades dos impressos usados nas práticas de letramento. No que se refere ao uso do LD na turma I, algumas tendências percebidas nos questionários podem ser confirmadas na prática desta professora: Embora a professora afirme usar o LD três vezes por semana, observa-se que os dois livros são utilizados ocasionalmente, de uma forma não linear: a professora afirma “ir e voltar”, de acordo com a necessidade dos alunos. O uso ocorreu em apenas dois dias durante todo o período de coleta de dados. O uso de textos de outros LD no suporte folha mimeografada é comum nesta turma. Isso pode ser confirmado também pela fala da professora: “Trabalho também sempre procurando textos em outros livros

didáticos para complementar minhas aulas de português”. Seja no LD ou em folhas mimeografadas, há uma inserção de textos no trabalho com letramento desta turma. Por mais que esses textos não variem muito quanto ao gênero, sejam utilizados na maioria das vezes para verificar a fluência ou para responder questões de interpretação, isso pode ser considerado uma forma de apropriação do discurso sobre letramento veiculado nos processos de formação continuada de professores, que propõe a utilização de textos variados nas práticas de leitura. Sobre a prática de alfabetização, é importante ressaltar que a professora tenta trabalhar com a heterogeneidade da sala de aula incluindo alunos em níveis diferenciados, atuando com todos eles ao mesmo tempo, atendendo às diferentes demandas e auxiliando-os.

Podemos afirmar, portanto, que essa professora lida de modo adequado com a heterogeneidade constitutiva de qualquer sala de aula, desafio ainda a ser enfrentado pelos professores. Esse é um modo de apropriação do discurso sobre ensino-aprendizagem numa perspectiva sociocultural que defende a organização da escola em turmas heterogêneas partindo do pressuposto de que a heterogeneidade e a interação entre sujeitos de diferentes níveis cognitivos são inerentes aos processos de aprendizagem.

As análises evidenciaram alterações importantes na prática das professoras investigadas quanto à forma de organização dos alunos. Mas, podemos afirmar que, apesar de os alunos estarem organizados em grupos ou em duplas, as atividades na turma I são realizadas individualmente, diferentemente do que ocorre na turma II, onde o trabalho é realizado coletivamente.

Na turma II a perspectiva de letramento se dá, predominantemente, por meio da leitura e discussão de textos literários autênticos e da prática de ouvir histórias. A mediação da professora nas práticas de leitura obedece à seguinte seqüência: leitura silenciosa e oral (solicitando alunos) e leitura oral feita por ela mesma, enfatizando a entonação e a fluência. Constatamos que há participação ativa dos alunos durante as leituras, comentando, lendo oralmente, questionando, evidenciando que a leitura é concebida não apenas como uma técnica que se esgota na decodificação dos signos escritos ou nos limites impostos pela frase, mas uma prática onde leitor e leitura são vistos como elementos integrantes na produção de sentidos. Isso permite ao aluno descobrir novos caminhos e alimenta o gosto pela leitura, porque muitas vezes a escola é o único lugar em que a criança tem acesso ao livro e aos textos literários. Segundo

Paulino et all (2001), numa sociedade empobrecida, a escola não pode prescindir de seu papel de divulgação dos bens simbólicos que circulam fora dela.

Finalmente, a participação em eventos de letramento como “Ouvir histórias” possibilita uma relação com o texto literário diferente daquela estabelecida pela leitura. Os alunos constroem sentidos por meio da entonação da professora, que encena com gestos e outros recursos às histórias contadas.

Esperamos que os resultados aqui discutidos contribuam para a formação continuada de professores, subsidiando-os na reflexão de suas práticas de letramento escolar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBUQUERQUE, E. B. C. (2006). *Apropriações de propostas oficiais de ensino de leitura por professores: o caso do Recife*. Belo Horizonte: Autêntica.
- COLINS, E. & GREEN, J. (1992). Learning in classroom settings: making or breaking a culture. In: MARSHALL, H. (ed.). *Redefining student learning: roots of educational restructuring*. Norwood, Nj: Ablex. pp . 59-85.
- GREEN, J. & MEYER, L. A. (1991). The embeddedness of reading in classroom life. In: C. BAKER & A . LUKE (Eds.) *Towards a critical sociology of reading pedagogy*.(pp.141-160). Philadelphia: Jonh Benjamins.
- KLEIMAN, A. (org.). (1995). *Os significados do letramento*. Campinas: Mercado de Letras.
- LEAL, L.V. (2003). A formação do produtor de texto escrito na escola: uma análise das relações entre os processos interlocutivos e os processos de ensino. In: ROCHA, G. & VAL, M.G.C. (orgs.) *Reflexões sobre práticas escolares de produção de textos: o sujeito autor*. Belo Horizonte: Autêntica.
- MARCUSCHI, L.A. (2003). Compreensão de texto: algumas reflexões. In: DIONÍSIO, A. P. & BEZERRA, M.A (orgs.) *O livro didático de português*. Rio de Janeiro: Lucerna.
- PAULINO, M.G. et all (2001). *Tipos de textos, modos de leitura*. Belo Horizonte: Formato.
- ROJO, Roxane. (2000) *Letramento Escolar: Construção de saberes ou de maneiras de impor o saber?* Caderno de Resumos da 3<sup>rd</sup> Conference for Socio-Cultural

Research. *Simpósio Cultura da Escrita e Práticas Escolares de Letramento*: 80. ISSCS/UNICAMP, Campinas, 16-20/07/2000.

SOARES, M. (1998). *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica.

SPRADLEY, J. P. (1979). *The ethnographic interview*. Austrália: Wadsworth Tomson Learnig.

STREET, B. (1984). *Literacy in theory and practice*. Cambridge: Cambridge University Press.